

A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano

MICHAEL LÖWY

São Paulo: Boitempo, 2014, 144p.

*Bruna Della Torre de Carvalho Lima**

O conceito de “fetichismo da mercadoria” foi cunhado por Karl Marx para demonstrar como o coração da civilização capitalista era a morada de um fenômeno até então considerado como exclusivo do pensamento primitivo: culto de objetos inanimados que parecem ter propriedades mágicas e vida própria. Marx teve de recorrer ao vocabulário religioso para demonstrar que a racionalidade e o progresso que caracterizam a era capitalista trazem no seu bojo a feitiçaria que achavam deixar para trás. Alguns anos mais tarde, Max Weber detectou o processo de “desencantamento do mundo”, anunciando o capitalismo como uma era de secularização. No crepúsculo da modernidade, às vésperas da noite escura do nazismo, Weber descreveu como a humanidade encontrava-se presa a uma “jaula de aço” ou a um “habitação duro como o aço” [*stahlhartes Gehäuse*], na nova tradução de Michael Löwy, que figurava como seu trágico destino. Weber, assim como Marx, percebeu que, no decorrer da história da humanidade, o destino havia fugido ao nosso controle e se voltado contra nós, tal como na história do médico e do monstro, escrita por Robert L. Stevenson. Para Weber, o manto leve da ascese intramundana e da secularização protestante aos poucos se descolou de seu contexto original para tornar-se uma jaula de aço. Mas afinal, o que se pode dizer do mundo? Que está cada vez mais encantado ou cada vez mais desencantado?

* Doutoranda em Sociologia pela USP. E-mail: bru.dellatorre@gmail.com.

A relação entre Marx e Weber é um tema tanto consagrado quanto controverso na Sociologia. É justamente essa ligação entre os dois autores que Michael Löwy assume como tema de suas reflexões em seu novo livro *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. Löwy investiga a conhecida expressão “jaula de aço” que Weber utilizou na conclusão de seu livro *Ética protestante e o espírito do capitalismo* para demonstrar o justificado interesse que os pensadores marxistas manifestaram (e devem manifestar) pelas reflexões desse pensador.

A “jaula de aço” é um tema caro ao marxismo na medida em que atina para o processo de autonomização daquilo que é produzido pelos homens em relação aos próprios homens. O espírito do capitalismo descrito por Weber vai paulatinamente assumindo o “[...] caráter de uma máxima de vida eticamente coroada” (Weber), de modo que o trabalhar torna-se um fim em si mesmo. Não há a perspectiva de trabalhar para atingir uma vida mais confortável, para adquirir mais posses materiais ou para satisfazer necessidades – sejam elas da mente ou do corpo –, o *ethos* em questão, esse modo de ver o mundo e conduzir a vida visa apenas o trabalhar pelo trabalhar. Daí aquilo que havia começado como uma prática religiosa combina-se com o sistema capitalista de forma indissociável, transformando o leve manto da ascese puritana nessa “jaula de aço” do trabalho capitalista.

O livro é dividido em três partes. Na primeira parte, Löwy se detém na leitura de Weber e de Marx mostrando como eles possuem uma análise do capitalismo como sistema que não se resume, em nenhum deles, a uma determinação econômica da vida social. Lição, essa, importantíssima para a Sociologia do *hic et nunc* cujo empirismo exagerado tende a lidar com esse tipo de teoria como algo do âmbito “macrossociológico” e que muitas vezes utiliza a sociologia weberiana para justificá-lo. Além disso, Löwy chama a nossa atenção para o caráter pessimista do pensamento de Weber, que lhe permite contestar alguns aspectos ingênuos do liberalismo e da modernidade ao destacar a natureza empobrecedora do trabalho no capitalismo, ao reconhecer a desigualdade como componente desse sistema e ao enfatizar a perda de autonomia e de liberdade do indivíduo moderno.

Na segunda parte do livro, Löwy apresenta um inventário dos usos que Weber faz da expressão “afinidades eletivas”, oriunda da química e tornada célebre pelo romance de Goethe com o mesmo nome. Segundo o autor, um de seus interessantes usos por Weber possuiria um caráter negativo, ao rechaçar o lugar comum da teoria liberal de que capitalismo e democracia seriam afins. Ademais, Löwy mostra, a partir de algumas pistas deixadas por Weber e inspirado nas experiências da luta católica anticapitalista na América Latina, como o catolicismo possuiria uma relação de “afinidade negativa” com o capitalismo.

Na terceira e última parte do livro, Löwy discute a ressonância que a obra de Weber teve para autores que também se debruçaram sobre as convergências entre capitalismo e religião como, por exemplo, Walter Benjamin, Ernst Bloch e Erich Fromm. Esses autores aproveitaram-se das ambiguidades da teoria de Weber para fazer uma crítica de inspiração romântica e socialista a esse sistema, cuja divindade

mais sagrada é o dinheiro. Por fim, Löwy examina figuras do que considera o “marxismo weberiano” que vão de George Lukács, passando por Gramsci e pela Escola de Frankfurt, até chegar a Habermas e a Merleau-Ponty.

No âmbito do marxismo, Georg Lukács, que participou do círculo de Weber, foi, desde o lançamento de *História e consciência de classe* em 1923, um dos principais alvos da especulação sociológica a respeito dessa associação entre Marx e Weber, juntamente com Theodor Adorno e Max Horkheimer, por conta do conhecido uso do conceito weberiano de “racionalidade instrumental” em *Dialética do esclarecimento*. Apesar, contudo, da assimilação da teoria de Max Weber por grandes expoentes do marxismo como os autores supracitados, em alguns lugares, como na França e nos Estados Unidos, Marx e Weber foram considerados paradigmas incompatíveis nas ciências humanas. Michael Löwy vai, para além da fácil explicação de que a escassa ou heterodoxa tradição marxista desses países tenha colaborado para tal veredicto, na contramão da incompatibilidade, buscando as “afinidades eletivas” entre as duas teorias. Sendo assim, um dos pontos mais fortes do livro de Löwy reside justamente na demonstração de que o marxismo é capaz de incorporar, submetendo-a à crítica, uma gama diversa de teorias burguesas, tal qual a de Weber.

A intenção fundamental do livro reside em mostrar como é possível incorporar a teoria de Weber numa abordagem marxista da contemporaneidade. E essa intenção, como o leitor pode perceber, é cumprida à risca. Resta saber, contudo, se de fato é necessário e até mesmo profícuo ater-se à expressão “marxismo weberiano” – cunhada por Merleau-Ponty em 1955. Como procura mostrar Löwy, a alcunha de “marxistas weberianos” resume-se a intelectuais que integram em suas teorias conceitos e argumentos de Weber, sem deixar para trás a análise marxista e uma posição política socialista. Se este é o caso, porque chamar essa característica especificamente de “marxismo weberiano”, uma vez que essa posição, a de apropriar-se de Weber, envolve justamente uma defesa mais geral, assumida por diversos desses autores considerados “marxistas weberianos”, de que um dos elementos que definem o marxismo é a possibilidade de se apropriar e criticar as mais variadas teorias? Isto é, o “marxismo weberiano” não é uma mescla de dois métodos distintos, mas a absorção do arcabouço weberiano pela dialética.

Fazer críticas ao capitalismo não implica imediatamente em fazer crítica no sentido marxista do termo, pois Weber não tem uma concepção dialética de sociedade, apesar de possuir um “pessimismo cultural”, tal como narra Löwy. Se a crítica de Weber permite enxergarmos o processo de autonomização do espírito do capitalismo, a predominância da razão instrumental sobre uma razão que visa também fins e a relação entre formações culturais e estruturas econômicas de uma maneira menos mecanicista, é só a crítica de Marx que nos permite encontrar no seio da sociedade mais moderna e capitalista e à *cause* dessa modernidade e desse capitalismo, não o desencantamento, mas toda a irracionalidade do mito.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A grande virada de Lenin

João Quartim de Moraes

A moral em Marx

Yvon Quiniou

Althusser, o marxismo e o historicismo

Maurício Vieira Martins

Edição da *MEGA*: da política à filologia

Gerald Hubmann

Comentários: os *Grundrisse* e sua edição brasileira

Claus Germer, Eleutério Prado e

Pedro Leão da Costa Neto

34